Ballet: Rítmica e Movimento

Kamila Cidrim

Proposição da Técnica Rhymbo

Cidrim, Kamila
Ballet : rítmica e movimento : proposição da técnica rhymbo / Kamila Cidrim. -- 1. ed. -- Recife, PE : Ed. da Autora, 2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-65906-1

1. Balé (Dança) 2. Balé - Coreografias 3. Dança - Estudo e ensino I. Título.

23-150067 CDD-792.807

Dedicatória

Para todos os bailarinos e professores de dança que transformam a música em movimento e transformam o movimento em arte. Que este livro inspire vocês a continuar explorando novos horizontes e a descobrir novas formas de expressão. Que a jornada de descoberta e aprendizado nunca termine e que vocês continuem a dançar com alegria e paixão.

Sumário

Prelúdio 07

1º Movimento 15

A relação entre música e dança 16

2º Movimento 41

Técnica Rhymbo: um processo 42

3º Movimento 61

Conceitos 62

Processo de ensino-aprendizagem dos elementos rítmicos no Balé Clássico 78

A aula de Balé 85

Interlúdio 115

Outro conceitos importantes ao professor de Balé Clássico 116

Ritmos muito utilizados no Balé Clássico 122

4º Movimento 131

Técnica Rhymbo 132

Gran Finale 159

Referências Bibliográficas 163

PRELÚDIO

Tudo começou quando, aos sete anos de idade, iniciei nas aulas de música com instrumentalização em teclado, seguindo a linha das minhas irmãs mais velhas que também praticavam, pois meu tio era (é) músico e professor de teclado.

Paralelamente, eu já dançava, na escola regular, desde os três anos de idade, onde, apesar de serem divulgadas como balé, as aulas não seguiam a técnica do balé clássico propriamente; mas é inegável que havia uma vivência do ritmo e movimento através da dança.

Nas aulas de música, aprendi teoria musical e a tocar teclado. Nunca fui um prodígio, nem um grande talento, porém, toquei nas audições de final de ano da escola de música desde os sete anos, fazendo parte de uma orquestra de teclados. Foi assim que aprendi, desde muito cedo, sobre música e teoria musical. bem como vivenciei a experiência de fazer parte de uma orquestra. Nas nossas apresentações, havia cerca de 10 teclados compondo o arranjo, ou seja, várias partituras distintas que, em harmonia, davam vida à uma única música. Costumo dizer que essa experiência "treinou" o meu ouvido desde muito nova para o entendimento de

que dentro de uma mesma música existem diferentes partes executadas de formas distintas em prol de um arranjo em comum. Hoje, acredito que essa experiência foi um grande diferencial para mim enquanto bailarina. Mas, por que?

Aos dezessete anos, iniciei nas aulas de dança moderna e aos dezoito nas de balé clássico, idade já considerada "avançada" no meio. Apesar disso, consegui progredir rapidamente na técnica das duas modalidades da dança, não apenas pelo fato de estudar bastante através de livros e vídeos (principalmente por me achar "atrasada" em relação à minha turma), mas também porque existia algo em mim que ajudava para que eu me apropriasse da técnica um pouco mais rápido.

Minha professora costumava dizer que eu era "muito musical", e falava isso como se fosse uma habilidade nata. Mas, não. Não se pode dizer que eu "nasci assim", o fato é que fui treinada desde muito nova para ter esse "ouvido musical", e da mesma forma que eu, todos podem ser musicais também, desde que sejam estimulados. E esse é um dos motivos pelos

quais sou defensora da musicalização infantil nas escolas de ensino regular.

O balé clássico é totalmente ligado à música. As aulas de balé são muito bem interligadas às músicas que acompanham os movimentos. Um exercício de *plié*/*grand plié* pede um tipo de compasso, o *tendu* outro, por isso, tais ritmos se encaixam melhor para um *plié* e outros para o *tendu;* para um *frappé* pode caber bem um tango, já para um *rond de jambes*, uma valsa… O balé é intrínseco à música. Não existe aula de balé clássico sem ela, a música determina inclusive a dinâmica desejada naquele exercício daquela aula específica que planejamos. Por isso, acredito que por eu ter esse conhecimento prévio de teoria musical e experiência rítmica, consegui uma progressão rápida na técnica do balé.

Gosto de contar um fato interessante que aconteceu no meu primeiro ano de aulas de balé: era parte de uma coreografia em conjunto uma valsa *en tournant* em *manège* (todas as bailarinas, ao mesmo tempo e em círculo) e eu não conseguia realizar esse passo de valsa, era bastante avançado para mim, pois eu estava no início do aprendizado. A professora

tentou me ensinar das mais variadas formas (criou uma letra acompanhando a música, tentou desenhar o percurso no chão…), mas eu simplesmente não conseguia entender como encaixar aquele "giro" no meio de uma valsa. Até que a então professora de dança moderna (que logo em seguida, para minha sorte, passou a ser minha professora de balé clássico também) disse: "Por que você não está conseguindo, Kamila? Você não estuda música? É uma valsa! Um ¾! '1, 2, 3…1, 2, 3" - e mostrou como coordenar os movimentos dos pés com cada tempo da valsa. Quando ouvi (e vi) isso, tudo fez sentido e na mesma hora eu consegui reproduzir.

Essa coordenação entre movimento e tempos musicais é o que faz a dança, e isso independe, inclusive, do tipo: balé, danças populares, danças de salão, jazz, dança moderna, dança contemporânea… **O que faz a dança acontecer é a coordenação entre o corpo e o ritmo.**

É de se imaginar que, naquela época, iniciando na dança, eu não tinha consciência sobre essa importante bagagem que eu carregava, mas eu tinha noção de que algumas situações me incomodavam

bastante em sala de aula. Eu não conseguia compreender o fato de colegas de turma não terem certas noções que, para mim, eram muito claras, óbvias. Quando a coreógrafa, por exemplo, determinava que uma movimentação seguiria o som de um instrumento em específico, eu ouvi-lo claramente, porém, alguns colegas bailarinos não conseguiam nem identificar, na música, aquele instrumento. Apesar de achar muito estranho, eu não identificava o meu treinamento em música como um elemento fundamental para que certas percepções fossem óbvias para mim e não para meus colegas. Essa compreensão apenas ficou clara quando eu me tornei professora, a partir da vivência com meus alunos. Para ensinar a dança, eu precisava repassar a musicalidade e então eu fui percebendo que meus alunos **"não ouviam a música da mesma forma que eu".**

Pode parecer estranha essa frase, e por isso a trago entre aspas, mas será que já paramos para pensar que o ouvido também pode ter "perspectivas" diferentes? Falamos sempre de perspectivas em relação à visão, pensamos sobre como "ver as coisas por diferentes ângulos", mas, e ouvir por diferentes

ângulos, diferentes perspectivas, será que é possível? Esse foi o exercício que comecei a fazer quando me tornei professora para praticar a empatia com meus alunos: tentar me colocar no "ângulo de escuta" deles.

Nessa busca, percebi que o que tornava tudo mais angustiante, para mim, na hora de explicar um exercício ou sequência coreográfica, era a falta de conceitos trabalhados por parte dos alunos, falta de vocabulário musical. Eu não poderia simplesmente dizer: "gente, neste momento temos um contratempo"... "percebam uma anacrusa"... "nesta música, o compasso é um 6/8…" e assim por diante. Eu não tinha como fazer, com eles, o que minha professora fez comigo para me ensinar a valsa *en tournant*. Minha maior busca em sala de aula se tornou, então, encontrar uma forma de explicar (e fazer os meus alunos entenderem) conceitos de teoria musical sem que eles precisassem estudar música como aula complementar, visto que isso seria bem raro de acontecer.

Na grande maioria das escolas de dança não existe um ensino formal de música, normalmente só encontramos esse tipo de preparação em escolas de

formação como a do Bolshoi, em Joinville, onde os alunos têm aulas de música e instrumentos como piano e violino fazendo parte da formação. Então, nessa impossibilidade, passei a buscar meios de explicar os conceitos da música de forma simplificada e lúdica. Foi assim que começou a surgir a técnica Rhymbo.

Mas, antes de chegarmos nela propriamente, vamos entender mais um pouco sobre essa importante relação da música com a dança.



1° MOVIMENTO

A relação entre música e dança

A relação entre o dançarino e a música é constante desde os seus primeiros estudos até suas performances mais complexas. A música desempenha diversos papéis na rotina do bailarino e professor de dança, indo de elemento de inspiração para a criação, passando por auxílio para a compreensão rítmica de um movimento até elemento determinante para a dinâmica de algumas movimentações.

Durante as aulas, a coordenação entre ritmo e movimento, ou seja, entre o estímulo sonoro e reflexo no movimento corporal, é constante. Todo e cada exercício possui objetivos, dinâmicas e rítmicas apropriadas para o estabelecimento de determinado trabalho corporal e desenvolvimento de habilidades e competências específicas no bailarino. As qualidades do movimento em relação a fatores como fluxo, tempo e peso (conforme classificação de Rudolf Laban) são estabelecidas de acordo com a relação entre o movimento e seu ritmo de execução, esse ritmo, normalmente, determinado por uma música.